

ADAM ROSS

Mr. Peanut

Tradução
Daniel Pellizzari

Copyright © 2010 by Adam T. Ross
www.adam-ross.com

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A tradução dos versos da página 293 é de Antonio Feliciano de Castilho.
(Ovídio, *A arte de amar*. Canto 1. Rio de Janeiro: E. & H. Laemmert, 1862.)

Título original

Mr. Peanut

Capa

Kiko Farkas e Adriano Guarnieri/ Máquina Estúdio

Preparação

Márcia Copola

Revisão

Carmen T. S. Costa

Marise S. Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ross, Adam

Mr. Peanut / Alex Ross ; tradução Daniel Pellizzari. — 1ª ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original : Mr. Peanut

ISBN 978-85-359-2097-0

1. Ficção - Literatura norte-americana I. Título.

12-04276

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Quando David Pepin sonhou pela primeira vez em matar a esposa, não foi ele quem a matou. Sonhou com a conveniência de atos divinos. Durante um piquenique na praia, uma tempestade se aproximou. David e Alice recolheram as cadeiras, os cobertores e a bebida, e na chegada do brilho do relâmpago David imaginou a esposa se acendendo, o esqueleto nitidamente visível como num desenho animado, e em seguida Alice desabando numa pilha de cinzas fumegantes. Ele a observou caminhando apressada pela areia, o objeto mais alto em todo aquele espaço aberto. Até parou para observar as nuvens carregadas. “Que tempestade”, ela comentou. David armou-se de húbriis para desafiar o destino. Declarou para si mesmo em silêncio: eu, David Pepin, sou mais sábio e mais astuto que Deus, e eu, David Pepin, sei que neste exato momento, nesta exata praia de *Jones Beach*, Deus não atingirá minha mulher com um raio. E Deus não fez isso. David de fato sabia mais. E na caminhonete, quando a chuva desabou tão forte que pareciam estar num lava a jato, ele se vangloriou de seus atributos divinos para Alice, perguntando retoricamente se um pênis tão grande e tão ereto (e de tal forma exposto) poderia ser outra coisa senão divino, e transou cheio de raiva e paixão com a esposa ali mesmo no banco do carro, escondidos pelo clima inclemente.

Sonhava inconscientemente e sonhava esporadicamente. As fantasias

simplesmente se acumulavam. Se Alice ligava do trabalho, ele perguntava: “Aconteceu alguma coisa?”. Se ela demorava a chegar, David logo começava a ficar preocupado. Começou a sonhar em conformidade com a rotina da esposa. “Vai de trem hoje?”, perguntou de manhã. “Vou de trem”, Alice respondeu. Era um quarteirão para oeste até Lexington, onde ela pegaria o metrô até a rua 42. Na Grand Central pegaria o Metro-North e levaria meia hora até Hawthorne, onde lecionava para jovens emocionalmente perturbados e ocasionalmente perigosos. Tudo podia acontecer entre um ponto e outro. À beira da plataforma, dois garotos fazendo algazarra. O trem chegando a toda na estação. Um empurrão acidental. Alice se virando e dando uma braçada enlouquecida antes de cair. E tudo acabaria. David fez uma careta. As coisas que lhe passavam pela cabeça! Da janela, observou Alice subindo a rua. Um helicóptero cruzou o céu. Em Lexington, no prédio em construção, uma viga solitária se elevava aos céus. E David imaginou que aquela seria a última vez que veria a esposa — que seria a última imagem que teria dela — e sentiu a tristeza brotar. Foi um gostinho da perda, como quando somos jovens e desejamos que nossos pais morram.

Não podia haver violência. Era uma ética estranha constante de sua fantasia. Sonhava com o guindaste caindo, o helicóptero girando fora de controle, mas eliminava todo o horror, qualquer dor. Havia Alice debaixo dos escombros, morta instantaneamente, ou às vezes David estava lá ao seu lado, inserido logo antes do momento fatal. Segurava a mão da esposa, trocavam últimas palavras, e ele a confortava até que morresse.

“David”, dizia Alice. “Eu te amo.”

“Alice”, respondia David. “Eu também te amo.”

Os olhos dela ficavam embaçados. Não podia haver violência. Mas às vezes David se tornava um Walter Mitty do assassinato. Sonhava com sua própria agência. *Ele* era o responsável. Atirava em Alice, matava-a com um porrete, sufocava-a com um travesseiro. Mas eram fantasias truncadas; piscavam na mente para então serem cortadas antes do clímax porque ele nunca a surpreendia a tempo. David a via reconhecê-lo assim que ele surgia de um canto com a faca, o porrete ou a arma, sentia a mão dela agarrando o braço que segurava o travesseiro sobre seu rosto — e tudo isso era terrível demais para imaginar.

“Baleia!”, gritava para ela, que era enorme. “Baleia-azul dos infernos!”

(Alice havia lutado com valentia contra a depressão, mas nos últimos tempos tinha voltado a tomar remédios.)

Suas discussões eram acaloradas. Mesmo casados havia treze anos, ainda iam direto nas jugulares e nas bolas.

“Gênio”, ela dizia. Isso o deixava maluco. David era *designer*-chefe e presidente da Spellbound, uma produtora de *games* pequena e muito bem-sucedida. Vivia sendo chamado de gênio pelos colegas de ramo, mas em seus momentos de dúvida David confessava à esposa que os *games* que produziam eram na melhor das hipóteses vazios, e na pior puro entorpecimento mental — tanto para ele quanto para os garotos que os jogavam.

“Queria que você morresse!”, David gritava.

“Eu também queria que você morresse!”

Mas isso era um alívio. O desejo era mútuo. Ele não estava só.

Mais tarde, após o período de silêncio, ele pedia desculpas. “Desculpe”, pedia. “Eu não deveria falar com você desse jeito.”

“Desculpa”, Alice respondia. “Odeio brigar com você.”

E se abraçavam na sala. Já era noite e não havia nenhuma luz acesa no apartamento. Tinham passado horas sentados sozinhos no escuro.

O amor de David pela esposa tinha sido renovado. Como podia ter pensado em todas aquelas coisas? Tomaram banho juntos; era uma de suas atividades preferidas. Ele punha os braços na parede e ela lhe ensaboava as costas, lavava a bunda por fora e também a parte de trás das orelhas. Ao barbear o marido, sem perceber imitava sua expressão. Depois ela preparava a banheira.

“Sabe em quem andei pensando hoje?”, perguntou David. As coisas entre eles ainda pareciam delicadas, feridas, e ele queria conversar.

“Em quem?”

“No doutor Otto.”

Alice olhou para ele e deu um sorriso triste. David não sabia ao certo se era por causa das associações que o nome conjurava ou pela quantidade de tempo que os separava do momento em que haviam sido alunos dele — quando se conheceram. David estava sentado na beirada da banheira, segurando o tornozelo de Alice. Tinha ensaboado a panturrilha da esposa e a depilava com cuidado. Pelos cresciam em direções diferentes em pontos diferentes.

“Falou com ele?”

“Não faço isso há anos. Li no jornal que a esposa dele morreu.”

“Que pena.”

“Ele deve mesmo ter passado por um período difícil.”

“E quem não passou?”, indagou Alice.

Ela encheu completamente a banheira. Seus tríceps incharam separadamente, como um par de nadadeiras de golfinhos; os seios boiavam como um par de ilhas. E Alice tinha um rosto lindo, um cabelo castanho longo e delicado, e formidáveis olhos cor de mel. Mas ficara imensa e David não sentia pena dela, embora soubesse que lhe era difícil suportar aquele peso. Naquele ano havia chegado ao máximo de cento e trinta quilos. Comprou uma balança digital (por ordens do médico) na qual resplandeciam números vermelhos. Pesava-se de manhã logo ao acordar, com os cabelos pairando sobre o rosto enquanto fitava o espaço entre os pés.

“Preferia estar morta”, dizia.

E David queria que ela emagrecesse para ficar feliz, mas, a depender de sua vontade, preferia que continuasse gorda. Adorava seu gigantismo, adorava se agarrar nas montanhas daquela bunda. Quando transava com ela por trás, se imaginava como um Gulliver pornô entre os Brobdingnags. Era a diferença de proporções que o excitava. Fechando os olhos, exagerava o tamanho de Alice e se imaginava minúsculo, um David se agarrando de braços esticados, esmagando-se contra o traseiro dela para *salvar, salvar, salvar* a própria vida. Não era sua esposa, mas uma gigantesca criatura-fêmea, uma mascote sexual imensa: pertencia a ele para que fodesse, cuidasse e mantivesse. Depois que transavam, Alice ficava deitada com o rosto encostado no colchão, as palmas das mãos viradas para cima na direção do teto, olhos escancarados e vidrados, e corpo imóvel (o peso não a tinha deformado, apenas intensificado suas curvas e a deixara mais larga, como se fosse a Vênus de Willendorf), Alice abatida a tiros pelo amor potente de David.

Não havia filhos. Afinal, tinha sido escolha dela.

“Dia desses eu estava falando com a Marnie”, informou Alice.

David, trabalhando no gabinete, minimizou a janela. “E?”

“Está grávida.”

Alice esperou. David também esperou. Pôs o cotovelo na mesa e apoiou o queixo na mão.

“E acabaram de descobrir que o segundo filho vai ser uma menina”, Alice prosseguiu.

“E?”

“Eles só têm um apartamento de dois quartos.”

“Continue.”

“E o filho não pode dividir um quarto com a filha. Mas eles não têm como comprar um lugar maior.”

“E daí?”

“E daí que vão ter de sair da cidade.”

David tirou os óculos, depositou-os com cuidado na mesa e então se levantou, foi até o quarto e se apoiou na ombreira da porta.

“Dá pra acreditar?”, Alice perguntou. Estava concentrada na televisão; *O homem que sabia demais* estava passando no A&E. Entreolharam-se, trocaram um sorriso cúmplice, e ela voltou a olhar para a tela. Devorava o segundo pacote de bolachas Ritz com baixo teor de gordura, e estava na metade da segunda garrafa de vinho. Farelos se espalhavam como neve pelo peito e pela barriga. Nos cantos da boca havia duas presas cor de uva voltadas para cima.

David chegou mais perto e abraçou a esposa. Ao apertá-la, os farelos na camisa se esmagaram com ruído.

“Ainda bem que somos só nós dois”, disse David.

“Ah, David”, ela sussurrou, e o puxou para mais perto. “Às vezes não sei por que você me ama.”

Isso não resolvia tudo, mas ajudava.

Nada havia escapado à mente de David. Ele mantinha uma lista de ações beneficentes, um rol de seu comportamento de bom marido. E ainda assim o que lhe vinha à cabeça depois de deixá-la feliz era: por que não consigo ser sempre tão bom? Por que neste momento não consigo estar aqui com ela por inteiro?

Era por causa do livro, percebeu quando voltou à mesa do gabinete e exibiu o texto na tela. O livro o preocupava, devorava-o por dentro. Esse livro, inacabado, estava sempre ali. Começara a escrevê-lo pouco mais de um ano antes, como ideia para um *game*, mas aquilo tinha se transformado em algo mais. Era seu maior segredo. David trabalhava no livro como um agente secreto, quando Alice não estava em casa, quando ela lavava a louça ou usava a internet — os pontos cegos do casamento. Guardava os originais numa caixa debaixo da mesa do gabinete. O processo da escrita era pontilhado por interrupções e reinícios intermitentes, surtos e arroubos, terríveis becos sem saída.

Naquele momento estava empacado, realmente empacado, mas se recusava a desistir. A estrutura era complexa, talvez até demais, mas seria impossível contar a história de forma direta. Frustrado, precisou se afastar do livro por longos períodos. Ignorava-o por semanas a fio. Muitas vezes se preocupava imaginando que não havia sentido algum naquilo; então voltava de repente ao ataque, certo de que havia. E, depois que Alice dormia, às vezes vagava até o gabinete e tirava o livro da caixa para dar uma olhada. Páginas impressas têm algo que uma tela nunca poderia transmitir. Havia um teste que gostava de fazer. A marca de uma narrativa forte estava na capacidade de qualquer página escolhida ao acaso ser cativante, arrastar o leitor como a corrente de um rio. David leu uma página. *Era* cativante! Arrastava *mesmo*! Uma nova ideia lhe ocorreu, uma nova direção a seguir, uma saída possível para o impasse. Pensou por um instante, encontrou o capítulo e fez várias anotações.

“David”, Alice chamou. “O que você está fazendo?”

“Nada”, respondeu, e ficou imóvel.

“Então venha para a cama.”

Guardou a caixa de volta embaixo da mesa. Escreveria assim que acordasse na manhã seguinte. Na cama, frases rasgavam sua mente como meteoros.

Mas no dia seguinte o brilho havia esmaecido. Embora para David não ficasse claro como uma noite podia fazer tanta diferença em termos de inspiração, na realidade fazia.

Também não ficava claro para ele como Alice havia engordado. Começou o casamento com belos setenta e cinco quilos, uma mulher grande desde o início, de ossos largos, alta, um metro e setenta e seis descalça; no terceiro ano, chegou aos cento e trinta quilos. Para David não ficava claro como aquilo tinha acontecido, pois Alice seguia uma dieta muito restrita. Era alérgica a camarões, mexilhões, ostras, escargots — qualquer coisa que tivesse casca. Certa vez, num jantar, ingeriu sem querer uma gotinha de molho de mariscos e ficou coberta de erupções com pontas brancas e bases rosadas que lhe incharam os olhos até estes se fecharem e transformaram os braços dela numa paisagem lunar. Sua respiração ficou curta. Havia um médico na casa. Era alérgico a abelhas (assim como Alice) e lhe aplicou uma injeção de adrenalina (ela esquecera a EpiPen, seu autoinjeter de epinefrina), e ela rapidamente desinchou e as erupções sumiram. Não podia comer castanhas de caju, amêndoas ou nozes. Tudo estava fora de questão. Para Alice, a manteiga de amendoim

Peter Pan bem que poderia exibir um crânio no rótulo. Alice racionava os venenos todos os dias. Tinha uma lista de controle na porta da geladeira, com uma tabelinha na parte inferior para auxiliar nas conversões numéricas: um pouquinho disto, dividido por aquilo, vezes um pouquinho disto. Substituir os cogumelos, subtrair a diferença por toranjas. Era a álgebra de uma pessoa alérgica, pensava David, observando Alice fazer cálculos antes de cada refeição, uma subdisciplina da alquimia.

Seu amor pela esposa se renovou. Quando Alice comia, se inclinava sobre o prato e mastigava com ar sonhador, olhando para o nada, um vácuo que pairava quase do lado esquerdo do peito de David. Entre uma mordida e outra ela arrumava o cabelo atrás da orelha — a mente correndo solta, pois comer sempre a relaxava — e a juventude ressurgia em suas feições. Ali estava a jovem com quem ele se casara. Com um pouco de imaginação — Alice estava com trinta e cinco anos — ele conseguia ver a garota que ela havia sido antes de se conhecerem. David não a interrompia. Alice tinha muita fome. Como ele podia sonhar em perdê-la?

Numa das fantasias, David se via no funeral de Alice. Cercado de amigos, sitiado por condolências. Durante o serviço fúnebre, pessoas falavam coisas lindas sobre ela. Porém, como Alice era muito solitária, David não conseguia se decidir sobre quem seriam. Mais tarde Alice foi enterrada, o grande caixão colocado dentro do solo. David enxergava apenas a si mesmo, sentado ali, desolado. Não conseguia imaginar o que faria depois. Podia até fazer como aquele cachorrinho, Greyfriars Bobby, e dormir ao lado da sepultura. Pepin sentiu um calafrio. Estava ali para dar apoio à esposa. Seu amor por ela se renovou. E então, certo dia, Alice começou a perder peso.

Antes de qualquer empreitada, pensou o detetive Sheppard, todos temos nossos rituais. Como um corredor flexionando os joelhos antes de uma corrida ou um rebatedor agarrando as partes pudendas antes de assumir o posto. Esforços para obter força e concentração totais. Uma rotina prévia envolvendo mente, corpo e alma. O conforto do hábito, pensou **Sheppard, enquanto enchia o cachimbo, e o efeito do hábito. O carpete gasto por nosso trajeto habitual pela casa. Gengivas que se retraem com o tempo, afastando-se dos dentes. Sabores que sentimos com tanta frequência que perdemos a capacidade de detectá-los. Na delegacia, Sheppard espionou uma velha prostituta se maquiando, fascinado pela delicadeza com que ela aplicava o batom, o modo como segurava o espelho diante de si como se estivesse fazendo mira com um instrumento de precisão, virando a cabeça de um lado para outro no reflexo diminuto, conferindo o trabalho, e então fechando o estojo e recolocando-o na bolsa, pronta para ouvir as acusações.**

O assassinato, refletiu Sheppard, é uma interrupção do hábito. Ou seu auge.

Mas antes de qualquer empreitada, pensou **Sheppard, mesmo um interrogatório, valem os mesmos passos. Orbitamos, repetimos. O detetive Hastroll já estaria sentado em frente ao vidro espelhado encarando o suspeito, empol-**

gado com a própria invisibilidade, imaginou. Para Sheppard, era sempre notável o fato de que se pudesse perceber que Hastroll sentia quando se entrava numa sala. Hastroll ficava de costas, encarando o suspeito o tempo todo, analisando e se concentrando. E ainda assim ocorria uma reação súbita que Sheppard notava logo que adentrava o recinto, não um movimento da parte de Hastroll, mas algo que lembrava uma transmissão de energia. Como algo elétrico. Era quase como se Sheppard pudesse sentir Hastroll piscando os olhos lentamente, cheio de desprezo, assim que ele chegava.

“Ward.”

“Sam.”

“Que acha?”

“Culpado”, respondeu Hastroll, categórico. “Culpado até o último fio de cabelo.”

Sheppard sentou-se ao lado do parceiro. Atrás do vidro o suspeito, David Pepin, chorava.

“As duas coisas são possíveis neste caso, Ward — pelo menos uma sombra de dúvida. O sujeito está realmente aflito.”

“Culpado”, insistiu Hastroll, encurvando os imensos ombros. “Aflição de culpa.”

“Não seria aflição por sofrimento?”

“Culpado, culpado, culpado.”

Os dois homens encararam o suspeito por algum tempo.

“Quem vai primeiro, o tira bom ou o tira mau?”

“Você”, disse Hastroll.

O vidro espelhado, pensou Hastroll, oferece a mesma emoção de ouvir o som gravado da própria voz. Ou descobrir a si mesmo no plano de fundo de uma fotografia. Ou passar por si próprio na tela de uma televisão na vitrine de uma loja de eletrônicos — uma olhadela rápida enquanto sua imagem vem até você. Pois somos sempre um segredo para nós mesmos, pensou Hastroll. Mas há olhadelas, dicas e pistas.

Sheppard entrou na sala de interrogatório e sentou-se bem em frente a Pepin.

“Nem me pergunte”, gritou Pepin. “Não matei minha mulher!”